

História e memória da Comunidade de Apanha-Peixe/RN: narrativas discursivas de moradores/as do lugar

Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes¹, Viviana de Torres Morais², Stenio de Brito Fernandes³, Ady Canário de Souza Estevão⁴

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN. Departamento de Licenciatura em Matemática. Campus Mossoró. Rua Raimundo Firmino de Oliveira, 400, Conjunto Ulrick Graff. Mossoró - RN. Brasil.

² Secretaria de Educação e da Cultura do Município de Caraúbas - RN. ³ Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte - SEEC/RN. ⁴ Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA.

Autor para correspondência/Author for correspondence: aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br

RESUMO. Este artigo objetiva compreender, como moradores/as da Comunidade de Apanha-Peixe/RN constituem práticas discursivas nas narrativas para a construção e preservação da história e memória do lugar em coletividade. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, usamos como método de investigação a pesquisa (auto)biográfica em diálogo com as formulações metodológicas da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, a partir das narrativas de quatro moradores/as. Tomadas como materialidades discursivas, as narrativas de moradores/as da comunidade revelam que a história a partir da memória, fortalecem a construção e a preservação da formação dos seus espaços de vivências e aprendizagem coletivamente. Esse estudo constituiu uma reflexão sobre a trajetória das histórias de vida e formação desses sujeitos que vivem no/do campo e preservam o seu lugar de pertencimento da memória individual e social.

Palavras-chave: Narrativas (auto)biográfica, Histórias de Vida, Memória, Formação.

History and memory of the Community of Apanha-Peixe/RN: discursive narratives of residents of the place

ABSTRACT. This article aims to understand how residents of the Community of Apanha-Peixe/RN constitute discursive practices in the narratives for the construction and preservation of the history and memory of the place collectively. It is a qualitative research, we use (auto) biographical research as a method of investigation in dialogue with the methodological formulations of Discourse Analysis (AD), from the French line, based on the narratives of four residents. Taken as discursive materialities, the narratives of residents of the community reveal that history from memory, strengthen the construction and preservation of the formation of their of experiences and learning collectively. This study constituted a reflection on the trajectory of the life and formation histories of these subjects who live in/from the countryside and preserve their place of belonging to individual and social memory.

Keywords: (Auto) Biographicis Narratives, Life Stories, Memory, Formation.

Historia y memória de la comunidad de Apanha-Peixe/RN: narrativas discursivas de los residentes del lugar

RESUMEN. Este artículo tiene como objetivo comprender cómo los habitantes de la Comunidad de Apanha-Peixe/RN constituyen prácticas discursivas en las narrativas para la construcción y preservación de la historia y la memoria del lugar colectivamente. Se trata de una investigación cualitativa, utilizamos la investigación (auto) biográfica como método de investigación en diálogo con las formulaciones metodológicas del Análisis del Discurso (AD), de línea francesa, a partir de las narrativas de cuatro residentes. Tomadas como materialidades discursivas, las narrativas de los residentes de la comunidad revelan que la historia a partir la memoria, fortalecen la construcción y preservación de la formación de sus espacios de vivencia y aprendizaje colectivo. Este estudio constituyó una reflexión sobre la trayectoria de las historias de vida y formación de estos sujetos que viven en/del campo y conservan su lugar de pertenencia a la memoria individual y social.

Palabras claves: Narrativas (auto) Biográficas, Historias de Vida, Memoria, Formación.

Introdução

*Estas vidas, por que não ir
escutá-las lá onde falam por si
próprias? (Michel Foucault)*

As histórias de vida dos lugares e dos acontecimentos vividos por sujeitos, das lembranças e recordações de um tempo vivido, fazem parte do conjunto que forma o repertório da memória. A Comunidade de Apanha-Peixe, distrito que pertence territorialmente à cidade de Caraúbas no estado do Rio Grande do Norte/RN, se construiu há mais de duas centenas de anos e ainda não há registros em livros de história do lugar.

Este artigoⁱ objetiva compreender, como moradores/as da Comunidade de Apanha-Peixe/RN constituem práticas discursivas nas narrativas para a construção e preservação da história e memória do lugar em coletividade. Nesse sentido, a inspiração para este estudo nasce da necessidade de rememorar, através das narrativas de moradores/as, a história, a memória e a formação do lugar. Para tanto, usamos da pesquisa em materiais disponíveis em sites *on-line*, jornais e *blogs* da cidade de Caraúbas/RN.

Em vista disso, as narrativas recolhidas são aqui tomadas como materialidades discursivas permeadas por toda uma singularidade e subjetividade, pois nelas nos construímos e

reassignificamos histórias e memórias como agentes do processo histórico-social, e, a partir disso, permitem aos/às pesquisadores/as construir tessituras investigativas de sujeitos e formular questões sobre as diversas formas de organização e a formação de objetos de estudo.

Nesse sentido, metodologicamente utilizamos a abordagem qualitativa, como método de investigação, a pesquisa (auto)biográfica em diálogo com as formulações metodológicas da Análise do Discurso (AD), nos estudos franceses e brasileiros, em Pêcheux (1997, 1999), Foucault (2004), Gregolin (2001) e Orlandi (2005), para a análise dos enunciados de quatro moradores/as da Comunidade de Apanha-Peixe/RN, enquanto materialidades discursivas de sentido.

A Análise do Discurso (AD) francesa, fundada por Michel Pêcheux no cenário político da década de 1960, traz como objeto de análise o discurso (Pêcheux, 1997). Esse discurso é compreendido como um processo apreendido nas suas condições de produção histórica e social. Essa proposta delineou-se por vários encontros teóricos nas ciências humanas e sociais, dentre eles com Michel Foucault. A AD é um campo de pesquisa na interface entre áreas do

saber da Linguística, com seus mecanismos sintáticos e argumentativos, o materialismo, na releitura dos textos de Marx por Althusser e numa teoria do discurso, todas atravessadas pelo viés psicanalítico de subjetividade, na releitura de Freud por Lacan (Gregolin, 2001).

A AD assume a formulação de que a linguagem perpassa a exterioridade que lhe constitui para além da língua, como a produção do discurso em determinadas condições sociais e históricas. Isso quer dizer que essa produção do discurso é a todo tempo: “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 2004, p. 8-9).

Tendo em vista a relação da linguagem com a sociedade, a AD assume o foco de uma análise para a produção de sentidos, num trabalho de interpretação em que “não há sentido sem interpretação; a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa, e a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona” (Orlandi, 2005, p. 19).

Nesse âmbito, analisar o discurso dos/as moradores/as da Comunidade de

Apanha- Peixe/RN é buscar olhar para os processos discursivos e enunciativos, sobremaneira para os efeitos de sentido inscritos numa memória discursiva. Essa memória deve ser concebida aqui “não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”, conforme argumenta Pêcheux (1999, p. 50).

Para tanto, partimos dos enunciados recortados das narrativas de moradores/as da comunidade do campo para interpretar os efeitos de sentido de seus discursos que emergem dessas narrativas inscritas em redes de memórias discursivas (Gregolin, 2001), compreendendo: “Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo; sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e sua circulação que se dá em certa conjuntura” (Orlandi, 2005, p. 9).

Ancoramos na pesquisa (auto)biográfica com base nos estudos de Josso (2007; 2010a; 2010b) Souza (2006; 2007; 2008) e Moraes (2000), que versam sobre (auto)biografia, histórias de vida, narrativas de formação. Segundo Josso (2010a), a pesquisa (auto)biográfica é

compreendida como uma metodologia que explora a subjetividade e a memória como elementos constitutivos para o (re)conhecimento da realidade das experiências de vida dos sujeitos em construção. Essa abordagem, para Souza (2006), é entendida como pesquisa narrativa, ou história de vida em formação. Com os estudos centralizados nas práticas de formação, o sujeito em construção passa a ser protagonista da sua própria história de vida, no seu cotidiano na relação de si e com o outro. Conforme Sousa (2006, p. 25):

As histórias de vida são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e de formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica de formação do adulto, a partir dos saberes tácitos e experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metareflexão do conhecimento de si.

Portanto, trabalhar com narrativas de história de vida significa abrir um leque de oportunidades para que os sujeitos comuns utilizem do poder da palavra para narrarem a si mesmos, a sua geração e o seu passado.

No tocante à memória, reportamo-nos aos estudos de Halbwachs (1990), Pollak, (1992), Bosi (1994) e Santos (2003). Segundo Pollak (1992), a memória pode ser seletiva, pois nem tudo fica

gravado, nem tudo fica registrado. Essa memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. Para Halbwachs (1990), a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes em uma sociedade, tanto no plano da memória individual como coletiva.

Nos registros das entrevistasⁱⁱ, as narrativas de moradores/as da Comunidade de Apanha-Peixe/RN foram ouvidas e gravadasⁱⁱⁱ a fim de não perder essas memórias do lugar. Os/as entrevistados/as foram quatro moradores/as de idades distintas, dois idosos com idade entre 83 a 92, um adulto de 43 anos e uma jovem de 24 anos. Esses sujeitos sociais, narraram suas vivências de aprendizagem na comunidade, seus nomes são os seguintes: Maria, João, Roberto e Ana. A identificação dos/as moradores/as, foram nomes fictícios sugeridos por cada partícipe da pesquisa conforme combinado durante as entrevistas.

Este artigo apresenta duas seções: na primeira, apresentamos história e memória da Comunidade de Apanha-Peixe/RN: a produção discursiva de narrativas de vida. Na segunda, abordamos as narrativas, memórias e histórias de vida de

moradores/as da Comunidade de Apanha-Peixe/RN: análise das narrativas numa perspectiva discursiva. Na sequência, apresentamos algumas considerações sobre a pesquisa desenvolvida.

Breves notas sobre a história e memória da Comunidade de Apanha-Peixe/RN: produções discursivas de narrativas de vida

Considerando as narrativas de vida como produções discursivas, usamos a (auto)biografia dos entrevistados para conhecer parte de suas trajetórias de vida e formação na comunidade. Para Josso (2010b), a (auto)biografia expressa o escrito da própria vida, nesse sentido, fazemos menção ao surgimento da comunidade, bem como a história de vida dos primeiros habitantes, do início da economia que gerava renda para a comunidade e sua cultura.

Quando dizemos sobre o poder da palavra, o lugar de fala, afirmamos com Ribeiro (2017, p. 64) que: “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”. Na nossa pesquisa utilizamos as histórias de vida através das entrevistas e sua interpretação no viés discursivo. Nesta perspectiva, Souza (2007) sinaliza para a importância do

registro histórico feito na memória dos sujeitos. É importante lembrar que toda memória é seletiva e que apresentamos, antes de tudo, uma seleção de experiências vividas. Segundo Halbwachs (1990, p. 25), para evocar nossas lembranças, “... a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios”. Para o autor, nossas recordações são os testemunhos de fortalecimento e debilidade sobre os acontecimentos que sabemos ou dos quais somos informados, mesmo que algumas das circunstâncias nos pareçam permanentemente obscuras.

A Comunidade de Apanha-Peixe/RN é uma comunidade do campo situada a 24 km da cidade de Caraúbas, no Estado do Rio Grande do Norte/RN, tem aproximadamente, 406 habitantes e completou 277 anos de existência em 2018. Conforme um blog da cidade: “Seus primeiros habitantes foram os índios Tapuias e Paiacus. A comunidade foi criada pela família Nogueira, depois de um grande confronto entre os índios” (Icém Caraúbas, 2011).

Por volta do século XVIII, antes de receber o nome Apanha-Peixe, a comunidade era apenas uma fazenda que tinha como proprietário Manoel Nogueira. Ele era um homem considerado rico, que habitava aquele lugar com sua família e conseguiu várias porções de terras,

concedidas pela coroa aos súditos, com a obrigação de povoar e cultivar a terra, tendo sido o responsável pelas primeiras povoações e nisso, Manoel Nogueira foi o primeiro povoador da localidade, que no futuro viria a se chamar de Apanha-Peixe. Conforme a matéria do Blog Icém Caraúbas (2011):

Antes de receber o nome de Apanha Peixe, era apenas uma fazenda do século XVIII, do proprietário Manoel Nogueira, que era considerado muito rico e que junto com sua família obtiveram sete lotes de terra no município de Apodi ou melhor “na Ribeira do Apodi”, com cada um medindo três léguas de comprimento por uma de largura.

Manoel Nogueira Ferreira fundou grande fazenda de gado, a leste da lagoa Apanha-Peixe, tornando-se um dos primeiros desbravadores da região Oeste do RN tendo fundado Apodi/RN. O termo Apanha-Peixe, segundo a memória dos habitantes do lugar, foi originado pelo fato do vento, ao soprar as ondas nas águas às margens da lagoa e depois voltavam para o seu leito deixando o peixe bater em seco.

Para Souza (2006), as histórias de vida buscam compreender a vida do indivíduo através dos seus relatos reconstruindo processos históricos vividos. Nesse sentido, os povos indígenas que foram os primeiros habitantes, no aã de

colher os peixes, gritavam: “- Apanha o peixe!”. Então surgiu o nome Apanha-Peixe, por que quando perguntavam aos índios aonde eles habitavam, eles diziam: “- onde apanha peixe”. O entrevistado João, está com 83 anos de idade, agricultor, nasceu na comunidade. Esse nome foi escolhido por ele, pois relembra João, discípulo de Jesus Cristo. No seu relato, João explica: “Foram os índios, naquele tempo tinha índios, e eles passaram pelo Apanha- Peixe, pegaram peixe, cozinharam, comeram e quando foram saindo disseram: Aqui é o Apanha-Peixe, aí até hoje continua sendo esse nome”.

Dentre os primeiros habitantes do lugar, destaca-se a história do português Domingos Ventura de Morais, que veio para as terras de Apanha-Peixe, e decidiu apossar-se delas, registrando-as e as tornando suas por direito. Dessa forma, Domingos Ventura de Morais passou a habitar na comunidade e viveu um grande amor com a índia por nome de Bárbara Heleodora. Por isso, a geração de Apanha-Peixe, é descendente da miscigenação, tendo, hoje, quase toda a população, o sobrenome Morais, que é descendente desse português.

Desde a chegada dos primeiros habitantes, a economia se baseava na pesca, a lagoa do lugar é uma das fontes de

subsistência das famílias, conforme o blog: “A lagoa de Apanha- Peixe, por ser bastante extensa e rica com suas belezas naturais e com enorme acúmulo de peixes, com 12 milhões de m³ de água, é considerada uma das maiores do estado do RN e a maior do município de Caraúbas” (Icém Caraúbas, 2011).

Por isso, a região da Comunidade de Apanha-Peixe/RN, encontra-se inserida na “bacia hidrográfica Apodi-Mossoró, que é a segunda maior do estado com 14.216,00 km²” (Icém Caraúbas, 2011). A lagoa Apanha-Peixe é o maior reservatório de água do município de Caraúbas e um dos maiores da nossa região com suas dimensões de mais de 23 milhões de m³ de água e os seus lençóis de águas atraem turistas de várias partes da região. É de suma importância para o abastecimento dessa bacia, uma vez que ao transbordar, esse manancial lança suas águas no rio Apodi-Mossoró, sendo fundamental para a manutenção do regime fluvial.

Os habitantes de Apanha-Peixe moravam em casas feitas de taipa, construída de varas, galhos, cipós entrelaçados e cobertos com barro, distantes umas das outras e o sustento vinha da pesca. Essa vivência é contemplada no discurso de João, morador da comunidade, “o sustento era plantar arroz na lagoa. A mãe de Apanha-Peixe era

a lagoa, enchia de peixe plantava arroz aí era de que se vivia”. Aos poucos, passaram a explorar a terra por meio da produção agrícola, com o cultivo de milho, arroz, feijão, mandioca, trigo e frutas, tais como: melancia, jerimum, banana. Havia também a atividade criatória. O entrevistado Roberto, está com 43 anos de idade, possui a profissão de Porteiro, nasceu na comunidade. Em sua narrativa, faz menção a esta memória do contexto econômico que sustentava a comunidade quando enuncia: “Teve muitos dias que saí pra trabalhar na lagoa, eu com meu avô. Nós não tínhamos o que merendar, a sorte era que existia batata. Nós fazíamos o plantio de batata e a gente ia arrancar batata e comer batata crua na merenda e achava tão bom!” (Entrevistado Roberto, 2018).

O modo de vida era totalmente rural, e as pessoas não consumiam em excesso, até mesmo porque as condições não permitiam comprar além do necessário para sobreviver. Mesmo na fase da infância, as crianças eram obrigadas a trabalhar no plantio, junto com os mais velhos, para auxiliar na manutenção da casa. Como não havia direitos jurídicos e normativos, que amparassem e dessem oportunidades de ensino, as crianças eram obrigadas pelo próprio contexto social a trabalhar desde cedo. Nossa entrevistada Maria tem 92 anos de idade, é dona de

casa, nasceu em Santana/RN. Mas mora na comunidade desde os 6 anos de idade. Expressa bem isso no seu relato: “por isso que eu não tive infância ... se trabalhava, pra viver e trabalhava assim pra fazer trança, fazer chapéu, tresmaio”. João acrescenta “com cinco anos eu já comecei a acompanhar meu pai, lutando mais ele pra criar os outros”.

No contexto vivenciado por Maria e João nas suas narrativas, deixa evidente que a infância foi um período difícil, em que as brincadeiras, quase não faziam parte da infância, a rotina consistia nos afazeres de casa e em ajudar no sustento da família, em que o foco era aprender a trabalhar muito cedo. Nos relatos desses moradores/as, mencionam uma infância dolorosa, marcada por trabalhos e responsabilidades. Ao passo que a moradora Ana, uma estudante de 24 anos de idade nascida na comunidade, é mais jovem dos entrevistados, comenta que construiu uma infância tranquila, cheia de brincadeiras, brinquedos e liberdades. A partir da fala de Ana, depreendemos que o contexto se modificou, considerando a relevância do acesso à escola e o direito a educação, atualmente garantidos na Constituição Federal^{iv} (1988), na Lei de Diretrizes e Bases^v (1996) e no Estatuto da Criança e do Adolescente^{vi} (1990). O Estado, passou a ser responsável junto com

a família a ofertar o direito a educação com qualidade, acesso e permanência.

A Comunidade de Apanha-Peixe/RN é um exemplo de espaço em constante processo de melhorias e de organização. De acordo com os relatos, muita coisa foi modificada. Quanto a essa questão, no primeiro enunciado, João narrou o seguinte:

Enunciado 1:

Coisa difícil se for falar no passado dos meus pais era só coisa difícil. Só tinha uma coisa boa: tinha paz e quando tem paz tudo vai bem. Mas meus pais criou uma família muito grande, com muitas necessidades e eu fui o primogênito da família. Aí eu sei de tudo, o que a gente passou naquele tempo, naquele momento tudo tão difícil e eu me lembro que eu acompanhava ele ... mas Deus era tão bom que no mato tinha muita fruta, tinha palmatória, tinha carnaúba de caroço, tinha juá e isso era alimento pra nós (Entrevistado João, 2018).

No enunciado acima, levando em conta a sua estrutura e acontecimento, podemos ver na materialidade de sentido o sujeito de uma memória discursiva quando ele enuncia “falar no passado dos meus pais era só coisa difícil. Só tinha coisa boa: tinha paz e quanto em paz tudo vai bem”, trazendo as identidades sociais em diferentes posições sujeito, do pai, do primogênito da família, da própria família e suas dificuldades. E ainda discursiva: “tudo tão difícil e eu me lembro que eu

acompanhava ele ..., mas Deus era tão bom que nos mato tinha muita fruta, tinha palmatória, tinha carnaúba de caroço, tinha juá e isso era alimento pra nós”. Há nessas posições sujeitos, segundo Orlandi (2005, p. 28): “Os sentidos – sempre aí em seu movimento de produzir rupturas, acontecimentos – não estão, no entanto jamais soltos (desligados, livres), eles são administrados (geridos)”.

No discurso do entrevistado, a carência de recursos alimentícios e a luta pela sobrevivência que o obrigavam a trabalhar, desde cedo, em companhia dos pais. Não havia escolas que atuassem na formação do indivíduo para construir um futuro promissor. A cultura local era reduzida a seguir o exemplo de profissão dos pais, que se destinavam a agricultura, pescaria e pecuária. Para a comunidade, a pesca e a agricultura fazem parte de suas tradições passadas de geração a geração, e que são praticadas até hoje.

O ato de contar histórias faz com que o autor reviva suas próprias, como afirma Bolívar (1997, p. 2) “contar as próprias vivências e ler, no sentido de interpretar, ditos feitos e ações, a luz das histórias que os atores narram, se converte em uma perspectiva peculiar de investigação”. A vida na Comunidade de Apanha-Peixe/RN traz marcas de sofrimento e de luta registradas nas narrativas de seus/suas

moradores/as. Desse modo, por meio das narrativas de moradores/as da comunidade, apontamos a possibilidade de construir e reconstruir as memórias, através das histórias de vida e formação, tornando-se visível.

Quanto às vivências no lugar, João, relata que na comunidade seus/suas moradores/as compartilham suas experiências uns com os outros, sendo algo transformador para a formação dos sujeitos que moram no Apanha-Peixe. João acrescenta: “A comunidade é abençoada ... Quem anda aqui gosta, gosta dos habitantes de Apanha-Peixe.” Já o morador Roberto reforça o companheirismo e aproximação das famílias, e diz no segundo enunciado:

Enunciado 2:

É a raiz nesse chão velho que eu nasci e me criei, eu gosto muito daqui. Foi onde eu conheci meus amigos, onde estudei ... tenho um bom relacionamento com as pessoas, é isso, o que eu tenho que falar desse lugar é que, é como tem gente que diz assim, eu queria, eu vou embora pra tal canto, mais eu quero morrer lá no meu lugarzinho (Entrevistado Roberto, 2018).

Para a Análise do Discurso (AD) francesa, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”, segundo Foucault (2004, p. 10).

Assim, partindo da formulação “raiz nesse chão velho que eu nasci e me criei, eu gosto muito daqui”, podemos analisar as posições sujeitos e seus modos de subjetivação no mundo e que “o sentido é história e o sujeito se faz (se significa) na historicidade em que está inscrito” (Orlandi, 2005, p. 44).

Analizamos nessa discursividade que, apesar da comunidade ser muito querida e amada, ainda não oferece meios financeiros dos habitantes se manterem, acarretando a expulsão dos povos da comunidade em busca de outras formas de produção, e, por sua vez, desenraizando-se das suas terras e cultura. Mas, com o passar do tempo, a vida dos moradores/as da comunidade vem melhorando. Aos poucos, surgem casas de tijolos. Nos dias atuais, não há mais habitantes residentes em casas de taipas. Quanto à predominância religiosa, a localidade é conhecida como a “Apanha-Peixe dos crentes” por ser um lugar com 70% da população evangélica.

Memórias e histórias de vida de moradores/as da Comunidade de Apanha-Peixe/RN: análise das narrativas numa perspectiva discursiva

Adentramos nas interpretações das narrativas de moradores/as sob o viés discursivo. Para tanto, recorreremos às lembranças dos outros, segundo

Halbwachs (1990), a memória individual não está isolada ou fechada. Para evocar o passado, devemos apelar para as lembranças alheias, ou seja, às lembranças contadas por outras pessoas. Compreendendo que “o que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que relatamos sobre nós mesmos. Em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, e ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal” (Larrosa, 1994, p. 48). Nesta seção, adentramos nas interpretações através das narrativas de moradores/as enquanto produções discursivas. Quanto às narrativas, Moraes (2000, p. 81) acrescenta:

... a narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele ...

Com base em Moraes (2000), as narrativas são momentos de reflexões sobre a vida, a partir das quais ao lembrar fatos marcantes, avaliar e construir um caminho para si, reaprende-se com as próprias experiências. Portanto, é no narrar dos acontecimentos que o

indivíduo reflete sobre sua própria história, repensa, compreende sua trajetória e reaprende com ela por meio da sua própria reflexão.

As narrativas de moradores/as de Apanha-Peixe, que participaram desta pesquisa passaram a infância, adolescência e vida adulta na comunidade. Para compreender o papel das histórias de vida permeadas nas memórias e que fortalecem o constructo social, Souza (2007) apresenta as memórias como sendo fundamentadas por meio da construção social e coletiva, ou seja, o indivíduo durante sua vida através das experiências, constrói suas aprendizagens por meio dos grupos sociais no contexto em que está inserido.

Nesse sentido, entendemos que as aprendizagens são construídas por meio do contexto em que o sujeito está inserido, e que as histórias construídas ao longo da vida, apresentam “as implicações pessoais e as marcas construídas na trajetória individual/coletiva, expressas nos relatos escritos, revelam aprendizagens da formação” (Souza, 2007, p. 4). Quando indagados sobre a Comunidade de Apanha-Peixe/RN os/as entrevistados/as destacam como um lugar tranquilo, mesmo diante das dificuldades existentes, sobretudo àquelas relacionadas a vínculos empregatícios.

A comunidade tem uma identidade construída e enraizada pela perseverança e o desejo de mudanças dos/as seus/suas moradores/as, visto que, apesar das dificuldades em relação à falta de trabalho, trazem nas suas memórias um respeito e amor pelo lugar onde vivem. Diante das lembranças, os participantes desenham um cenário de Apanha-Peixe, com narrativas permeadas pelo sentimento de pertença. Isso nos conduz a reflexões sobre a formação humanística dos sujeitos dessa localidade. São nas histórias narradas pelos habitantes, que percebemos uma experiência, um modo particular de interlocução com a dimensão humana, conforme afirma Halbwachs (1990).

Na perspectiva dos Estudos Culturais, Hall (2004; 2005) nos faz refletir sobre a identidade. Assim, pressupomos que essa identidade da comunidade é construída historicamente e os sujeitos, desde o sujeito do iluminismo, sociológico para o sujeito pós-moderno, assumem diferentes identidades sociais. Desse modo, essas identidades culturais estão a todo tempo se transformando pelos sistemas e mudanças estruturais da sociedade e das instituições, conforme afirma Hall, (2004, p. 108):

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e

fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Nesse contexto, a história de vida produz identidades e revelações surpreendentes. É lugar de transformação dos conhecimentos em palavras e a imagem na memória, é o lugar de conciliação do passado com o presente, e apontam perspectivas de futuro. É precisamente nessa discursividade identitária que: “As redes de memória, sob diferentes regimes de materialidade, possibilitam o retorno de temas e figuras do passado, os colocam insistentemente na atualidade, provocando sua emergência na memória do presente” (Gregolin, 2001, p. 71).

Nesse sentido, direcionamos aos entrevistados da comunidade a seguinte pergunta: *Nas suas memórias, você lembra de algo que revolucionou a Comunidade de Apanha-Peixe/RN? Qual? E como?* O colaborador João relata um momento de muita alegria para o Apanha-Peixe, quando receberam o fornecimento da água encanada. Ele relembra um momento de espera, que todos aguardavam ansiosamente, pois viviam tempos difíceis, onde os poços eram a solução para o

abastecimento da população e os/as moradores/as transportavam em jumentos e roladeiras. O morador João relembra esse momento de felicidade, quando expressa: “com a chegada da água, ficou aquela alegria na comunidade. Era alegria demais! E as coisas vêm só melhorando”. Segundo Thompson (1998, *apud* Souza, 2008, p. 97), “recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança”.

Nesta perspectiva de recordar as histórias de vida, outros momentos foram lembrados na convivência no lugar, Segundo Souza (2008), a produção dos modos de vida cotidiana, encontra-se nas histórias de vida e nos modos de narração. Roberto relata a chegada da energia elétrica, que revolucionou a Apanha-Peixe. Para o entrevistado, a energia era um sonho para todos da comunidade e destaca: “eu ainda me lembro muito bem no meu tempo de menino, quando começaram a acender as lâmpadas das luminárias, aquilo foi uma coisa marcante, a gente ficava admirado em como era que aquilo acendia”.

Outro acontecimento foi a chegada da primeira televisão, Roberto relata a alegria de todas as crianças, adolescentes e adultos, pois trouxe informação, como

também aproximou os/as moradores/as, que durante a noite reuniam-se para assistir aos programas de TV. Roberto conta da sua satisfação, dizendo: “assisti o primeiro jogo, o primeiro programa, as novelas, não tinha o que fazer no lugar antigamente, eu sempre digo para o meu filho, hoje em dia, em relação à antigamente, é mesmo que estarmos vivendo na capital”. Dessas narrativas, depreendemos que momentos marcantes ficaram registrados nas lembranças dos sujeitos do lugar.

A entrevistada Ana relembra, em suas narrativas, outro benefício para a comunidade: a chegada da colônia dos pescadores que reforçou o nome de Apanha-Peixe, através de uma representação financeira, que melhorou a situação econômica de diversas famílias. Destacamos, nesses discursos, momentos de resistência que marcaram significativamente suas vidas, mas também momentos de conquistas, entusiasmo e alegrias. Sempre que ocorre um evento o suficiente para iluminar seu próprio passado, a história acontece, e ao lembrar esses momentos importantes de suas vivências, é visível que apesar das dificuldades, a comunidade apresenta uma relativa melhoria de crescimento e modernização.

Os relatos trazem as lembranças e experiências ao longo da vida. De acordo

com Josso (2007), a partir das narrativas das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação. Os projetos de vida e os múltiplos recursos estão ligados de experiência formativa. Para Josso (2010a, p. 19), “enquanto atividade formadora, a narrativa de si e das experiências vividas ao longo da vida, caracteriza-se como ‘processo de formação’ e ‘processo de conhecimento’”. Percebemos na citação da autora, que esses acontecimentos iluminam o próprio passado; jamais pode ser deduzido dele.

Nas narrativas a seguir, adentramos sobre a educação, buscamos identificar como era o ensino antigamente comparado com o ensino atual na comunidade. A pergunta destinada aos participantes foi a seguinte: *Como foi a primeira vez que você foi à escola?* Diante desse questionamento, os entrevistados Maria e João relatam uma semelhança na descrição, pois estudaram no mesmo local na casa de Dona Cúlinha, uma senhora que ministrava aulas particulares em sua casa aos meninos da comunidade. Primeira professora da comunidade, chamava-se Herculana Morais (*in memoriam*) mais conhecida por Dona Cúlinha. Nas suas aulas Dona Herculana ensinava os jovens alunos a ler, escrever, contar os números, estudar tabuada e aprender as quatro operações, os alunos também estudavam por meio de

cartilhas (livros). Apenas os pais das crianças que podiam pagar, estudavam nessa escola. Em suas narrativas Maria diz no terceiro enunciado:

Enunciado 3:

A minha escola, vou dizer o que foi minha escola, foi um mês de escola. Eu aprendi a ler só. Era na casa dela, era particular, aí eu como não tinha quem pagasse por mim, eu não podia pagar, fui só um mês. Fiquei lendo só, sou como caboré de orelha, sei ler e não sei escrever, escrevo ruim, minha letra é ruim (Entrevistada Maria, 2018).

Pensando na memória discursiva como social, quando o sujeito do campo, uma moradora diz sobre seus estudos e a relação com a escola: “aí eu como não tinha quem pagasse por mim, eu não podia pagar, fui só um mês”. Tal enunciado em sua relação com os demais enunciados dos/os moradores/as da Comunidade de Apanha-Peixe/RN, nos lembra o que diz Foucault (2004, p. 39) que os discursos: “não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”. No quarto enunciado João relata:

Enunciado 4:

Ela ensinava mesmo, era um ensino pra pessoa aprender, ... Todas as quartas feiras e sábado tinha um argumento; ela saia fazendo as perguntas, do que a gente tinha estudado, se a gente tinha decorado mesmo. Aí ela saia e nós tudo sentado num banco, aí saia fazendo

pergunta. Os que não respondiam levavam a palmatorada. Era... tinha que aprender mesmo o que ela passava, não tinha conversa não, tinha que aprender (Entrevistado João, 2018).

Esse enunciado traz no dizer de Pêcheux (1999, p. 53): “um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula”, quando o morador diz que: “Ela ensinava mesmo, era um ensino pra pessoa aprender”. Há nessa forma uma regularidade e dispersão deixando nos implícitos algo por dizer. O enunciado traz “Os que não respondiam levavam a palmatorada”, mostrando a posição sujeito da instituição escolar em regimes de negociação e integração disciplinar.

Já João rememora que o ensino que era voltado para advertência da palmatória. Ele conta que teve a oportunidade de frequentar a escola por mais tempo em relação a Maria, destaca que, antigamente, aprendia rápido e que as crianças realmente iam para aprender. Esse discurso acrescenta que, na época dos estudos, não aprendeu a ler muito, foi aperfeiçoando e desenvolvendo leitura na Bíblia, que é o seu livro predileto.

É pela memória que os enunciados trazem o discurso religioso e o discurso escolar. Nesses discursividades dos sujeitos, podemos ver os efeitos de sentido de algumas semelhanças na escolarização,

pois já existia o prédio onde funcionava a escola e algumas/uns professores/as. Ele/elas estudaram na primeira escola fundada na comunidade Escola Estadual Domingo Ventura de Morais. A partir de 1960 foi criada a Escola Isolada Domingos Ventura de Morais. Contudo, havia uma grande necessidade da construção do espaço escolar. Em 1964, a escola isolada passou a se chamada de Escola Reunida Domingos Ventura de Morais. Quanto o ambiente pequeno, mas agradável, organizado e acolhedor, onde tiveram a oportunidade de ter o primeiro contato com a leitura. No quinto enunciado, Ana narra:

Enunciado 5:

Apesar de pequena a escola era organizada, algum tempo depois que eu entrei já entregavam materiais para os alunos (cadernos, lápis etc.), a gente tinha um contato bem legal com os funcionários era bastante divertido. Estudei todo o meu ensino infantil e fundamental aqui na comunidade (Entrevistada Ana, 2018).

No enunciado acima, a identidade social local de pertencimento à comunidade é apreendida na historicidade desse enunciado acima (Hall, 2005), quanto a morada diz “Estudei todo o meu ensino infantil e fundamental aqui na comunidade”. Nesse sentido, o enunciado traz o efeito de memória do lugar social e da relação entre lugar na posição sujeito mulher camponesa inscrita na formação

discursiva campesina. O processo de produção desse discurso é marcado por lutas e resistências. A respeito disso, trazemos Pêcheux (1999, p. 56), ao afirmar que há “um real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser uma frasco sem exterior”.

Para Santos (2003), é importante compreender a memória como sendo qualquer forma de pensamento, percepção ou prática que tenha o passado como sua principal relevância. Segundo a autora, a memória de experiências passadas está presente em cada palavra que dizemos em cada passo que damos ou em cada sonho que construímos, ela está presente no pensamento, nos sentimentos e percepções, bem como na imaginação (Santos, 2003). Ou seja, tudo o que sabemos ou aprendemos se deve às memórias que possuímos ou iremos adquirir.

Compreendemos, portanto, uma evolução no que concerne à escolarização, pois a educação transformou e trouxe benefícios para as novas gerações, com a oportunidade para os mais jovens. No nosso último questionamento aos entrevistados, perguntamos: *as histórias contadas pelos mais velhos sobre a comunidade, estão sendo repassadas para os mais jovens?* Interpretamos que os participantes da entrevista foram consensuais em afirmar que, os mais

jovens não despertam o interesse em conhecer a história local.

Sobre isso a entrevistada Maria discorre: “talvez que nem saibam, porque não querem saber. Eles não sabem nem disso, não sabem nem como foi à primeira escola”. João acrescenta: “eu acho que eles não se interessam. Está muito diferente hoje. Hoje em dia eles têm muita oportunidade, muita facilidade, hoje em dia as coisas estão muito diferentes”.

Ao tratar da interpretação em redes de sentido, Gregolin (2001, p. 63) afirma que: “Os efeitos de sentido que circulam nos discursos produzidos em uma sociedade, constroem, com as formas discursivas típicas de cada um desses diversos gêneros, as representações do imaginário de uma certa época”. Assim, analisamos nas narrativas dos entrevistados, Maria e João, a possível falta de interesse dos mais jovens em buscar um diálogo com mais velhos para compreenderem a história do lugar, visto que, com o acesso à tecnologia, muita coisa mudou e beneficiou a comunidade, mas também distanciou o diálogo entre os mais velhos com os mais jovens sobre a história que deveria ser repassada de geração a geração.

Diante disso, Bosi (1994), sobrepõe que é por meio da memória que o passado se evidencia nas lembranças, vão

mesclando com as percepções do presente, ou vice-versa, as impressões do presente interagem com o passado e vai fixando na consciência. Segundo a autora, não existe presente sem passado, as ações, os eventos, os comportamentos que vivenciamos são marcados na memória (Bosi, 1994). Percebemos nas narrativas de Maria e João que os mais jovens da comunidade, não estão buscando conhecer essas histórias. Nessa perspectiva, vejamos o sexto enunciado, quando Roberto afirma:

Enunciado 6:

Os nossos jovens não tem esse interesse, porque isso é uma tradição né, deveria ser passado de pai pra filho, e filho pra neto, pra não se perder a história. Tem jovem aqui que não sabe a história de Apanha Peixe, não sabe quem foi a primeira pessoa que chegou aqui, você pode perguntar aí que eles não sabem, não sabe, não sabe! (Entrevistado Roberto, 2018).

Ao apreendermos o enunciado acima, em suas condições de produção a partir de pensarmos que “o discurso é determinado pelo tecido histórico-social que o constitui”, como argumenta Gregolin (2001, p. 3), quando o sujeito diz que: “uma tradição né, deveria ser passado de pai pra filho, e filho pra neto, pra não se perder a história. Tem jovem aqui que não sabe a história de Apanha-Peixe”, a história está enraizada nessa memória discursiva de dizer. Portanto, em nossa

análise dessa materialidade, asseveramos com a autora que “a forma sujeito do discurso é ideológica, assujeitada, não psicológica, não empírica; na ordem do discurso há um sujeito da língua e na História” (Gregolin, 2001, p. 3).

Neste sentido, Benjamin (1994) afirma que, a narração está atrelada à formação do ser, pois é a rememoração e a retomada da palavra que evita a morte de um passado que desapareceria no silêncio e no esquecimento. Benjamin (1994, p. 221) acrescenta que, “a memória é fonte de ligação social, pois integra o presente ao passado, projetando ainda o futuro. Ela é o elemento que situa os indivíduos, proporcionando o reconhecimento e o reencontro, trazendo novos significados e sentidos para as histórias”.

No sétimo enunciado, a narrativa da jovem Ana corrobora com a discussão elencada pelo entrevistado Roberto, pois expressa sua dificuldade em falar sobre o assunto quando ressalta no sétimo enunciado:

Enunciado 7:

Não, eu acho que hoje não existe mais continuidade do que a comunidade é e do que a comunidade foi. Eu até tenho dificuldade em falar sobre isso devido eu não saber alguns coisas, a relação dos mais jovens com os mais velhos é até difícil devido à tecnologia que pode ajudar bastante mais que também atrapalha em relação a isso a conversar com os mais velhos sobre suas histórias que

traz de certa forma experiência para nós (Entrevistada Ana, 2018).

Ao interpretarmos as materialidades do sentido desse enunciado quando coloca que: “a relação dos mais jovens com os mais velhos é até difícil devido à tecnologia que pode ajudar bastante mais que também atrapalha”, temos um processo discursivo de subjetivação e produção de identidades sociais de sujeitos do campo. Nesse sentido, concordamos com Hall (2004, p. 109), que: “precisamos compreendê-las com produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”.

A partir das narrativas de Roberto e Ana, fica patente a ausência da tessitura de diálogos entre os jovens e os mais velhos. O diálogo permite a aproximação entre esses sujeitos e as suas relações afetivas, trazendo à memória o processo de formação de si na escuta e no diálogo com o outro. Ademais, concebemos os sujeitos dessas narrativas como uma construção do próprio discurso, que não se confunde com sujeito empírico e nem individual (Gregolin, 2001).

Por meio das narrativas, compreendemos nos discursos dos/das entrevistados/as que alguns jovens não têm interesse de conhecer a história da

Comunidade de Apanha-Peixe/RN contada pelos mais velhos, mas ressaltam que existe na comunidade outras formas de aprendizagens, a saber: pescar, plantar, estudar entre outras, que são compartilhadas uns com os outros na convivência em coletividade. Nessa linha de raciocínio, Josso (2007, p. 2), afirma: “... à narração das histórias de vida e a partir delas, tornou-se indispensável a uma Educação Continuada ...”. Conforme a autora, as narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto.

Os enunciados de 1 a 7 remetem, pois, às memórias discursivas que constroem sentidos identitários no discurso de moradores/as do lugar, concebidas por Pêcheux (1999, p. 56) como “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização.” É nesse espírito de viver juntos, de estar juntos que os/as moradores/as de Apanha-Peixe, se confirmam, modificam e ampliam as diferentes formas de aprendizagem uns com os outros, em coletividade.

Sabemos que o sujeito no/do campo, tem muito a contribuir com suas experiências na comunidade; além do potencial para produzir um espaço

formativo que construa e cultive identidades, valorize a dignidade humana, não apague as memórias dos sujeitos. E que valorize seus costumes, oportunizando aos/as moradores/as no/do campo olhar novas perspectivas de um futuro mais justo e igualitário, sobretudo, no sentido de assegurar o direito das comunidades do campo às políticas públicas de acesso à educação, como afirma Arroyo (2004, p. 96): “A defesa dos movimentos do campo por uma urgente política pública traz como lúcida motivação a defesa de sua permanência na terra”.

Algumas considerações

Entendemos que as narrativas (auto)biográficas são caminhos para a reflexão da prática cotidiana e que o sujeito reconstrói o passado, na conciliação da memória individual com a memória social. Para isso, procuramos trazer as narrativas numa perspectiva discursiva, na qual conhecemos as histórias de vida e formação dos/das moradores/as da Comunidade de Apanha-Peixe/RN.

No caminhar da pesquisa, abordamos fatos sobre a história da comunidade, a saber: sua origem, o primeiro contato dos/as moradores/as com a educação, a chegada dos benefícios e a honra dos/as moradores/as ao recebê-los. Tudo isso, são espaços, territórios e lugares de

pertencimento. Percebemos a importância do trabalho com histórias de vida, visto que marcam as pessoas, fazendo-as reviver por meio de suas memórias, o crescimento ao longo dos anos e os conhecimentos adquiridos. Destarte, emerge a necessidade de conhecer as memórias dos sujeitos, para que essas lembranças não se percam no tempo, pois ali vive uma identidade de um povo.

Tomadas como materialidades discursivas, as narrativas de moradores/as da comunidade revelam que a história a partir da memória, fortalece a construção e a preservação da formação dos seus espaços de vivências e aprendizagem coletivamente. Esse estudo constituiu uma reflexão sobre a trajetória das histórias de vida e formação desses sujeitos que vivem no/do campo e preservam o seu lugar de pertencimento da memória individual e social.

A pesquisa tem relevância social e científica; pois apresenta as histórias de vida dos/as moradores/as da Comunidade de Apanha-Peixe/RN, que tem uma rica trajetória de luta pela preservação do lugar. Diante do exposto, esperamos contribuir para uma maior reflexão sobre as histórias de vida e a formação de sujeitos no/do campo, bem como no entendimento de que linguagem e discurso são lugares de aprendizado e lugares de lutas constantes.

Referências

Arroyo, M. G. (2004). Por um tratamento público da educação do campo. In Arroyo, M. G., Caldart, R. S., & Molina, M. C. (Orgs.). *Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo* (pp. 91-108). Brasília: Articulação Nacional por uma educação do campo.

Benjamin, W. (1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In Benjamin, W. (Org.). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (pp.197-221). 7. Ed. São Paulo: Brasiliense.

Blog Icem Caraúbas. (2011, 15 de maio). Açude do Apanha-Peixe: “Lindo por natureza” [Web log post]. Recuperado de <https://www.icemcaraubas.com>

Bolívar, A. (1997). *Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Foucault, M. (2004). *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola.

Gregolin, M. R. V. (2001). Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In Gregolin, M. R., & Baronas, R. (Orgs.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido* (pp. 60-78). São Carlos: Claraluz.

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo. Recuperado de: <https://edisciplinas.usp.br/>

Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A.

Hall, S. (2004). Quem precisa de identidade? Silva, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais* (pp.103-133). Petrópolis: Vozes.

Josso, M. C. (2007). A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Revista Educação*, 3(63), 413-438. Recuperado de: <https://wp.ufpel.edu.br/>

Josso, M. C. (2010a). *Experiência de vida e formação*. 2 ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus.

Josso, M. C. (2010b). *Caminhar para si*. Porto Alegre: Edipucrs. Tradução de Albino Pozzer.

Larrosa, J. (1994). Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz T. (Org.). *O sujeito da educação* (pp. 35-86). Petrópolis: Vozes.

Moraes, A. A. A. (2000). *Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação*. Manaus: Ed. Da Universidade do Amazonas.

Orlandi, E. P. (2005). *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes.

Pêcheux, M. (1999). Papel da memória. In: Achard, P. et al. (Org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes.

Pêcheux, M. (1997). A Análise de Discurso: três épocas (1983). In Gadet, F., & Hak, T. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (pp. 311-318). Campinas: Ed. da Unicamp.

Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212. Recuperado de: www.slideshare.net

Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento.

Santos, M. S. (2003). História e Memória: o caso do ferrugem. *Revista Brasileira de História*, 23(46), 271-295. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000200012>

Souza, E. C. (2007). (Org). *Autobiografias, histórias de vida e de formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB.

Souza, E. C. (2006). A Arte de Contar e Trocar Experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, 25(11), 22-39. Recuperado de: <https://periodicos.ufrn.br/>

Souza, E. C. (2008). Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. In Passeggi, M. C., & Souza, E. C. (Orgs.). *(Auto) Biografia: formação, territórios e saberes* (pp. 85-101). Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus.

ⁱ Este artigo é parte da pesquisa apresentada no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação e Contemporaneidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRN, Campus Mossoró/RN. Essa temática estudada nasceu a partir das leituras na Disciplina de “História e Memória e Formação Docente”.

ⁱⁱ No processo das entrevistas e organização metodológica do nosso trabalho, perguntamos aos participantes se aceitavam participar da pesquisa e se concordavam em assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de autorização de uso de imagem, das narrativas e da publicação. Consideramos o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos e consideramos o desenvolvimento e o engajamento ético. Explicamos sobre os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos e ressaltamos o que deve atender aos fundamentos éticos como constam na Resolução Nº 510/2016.

ⁱⁱⁱ Todavia, em todas as entrevistas, utilizamos a gravação de voz via celular como instrumento metodológico da pesquisa, sendo um instrumento de apoio para o método da pesquisa com narrativas, além de preservar e registrar todos os procedimentos discursivos dos depoentes, a técnica permite que o entrevistador, preste mais atenção ao depoimento cedido, podendo retornar ao arquivo sempre que necessário.

^{iv} Constituição da República Federativa do Brasil. (1988, 05 de outubro). Recuperado de: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>.

^v Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (1996, 23 de dezembro). Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Recuperado de: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/>.

^{vi} Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Recuperado de: <http://www.planalto.gov.br/>.

Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 31/08/2020
Aprovado em: 10/10/2020
Publicado em: 25/11/2020

Received on August 31th, 2020
Accepted on October 10th, 2020
Published on November, 25th, 2020

Contribuições no artigo: Os autores foram os responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.


Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de interesse: Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Orcid


Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes

 <http://orcid.org/0000-0002-6625-7963>


Viviana de Torres Morais

 <http://orcid.org/0000-0003-2734-6362>

Stenio de Brito Fernandes

 <http://orcid.org/0000-0001-6300-9561>

Ady Canário de Souza Estevão

 <http://orcid.org/0000-0002-6941-3773>

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Fernandes, A. N. O., Morais, V. T., Fernandes, S. B., & Estevão, A. C. S. (2020). História e memória da Comunidade de Apanha-Peixe/RN: narrativas discursivas de moradores/as do lugar. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 5, e10401. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e10401>

ABNT

FERNANDES, A. N. O.; MORAIS, V. T.; FERNANDES, S. B.; ESTEVÃO, A. C. S. História e memória da Comunidade de Apanha-Peixe/RN: narrativas discursivas de moradores/as do lugar. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 5, e10401, 2020. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e10401>